

## Frantz Ferentz: escribiendo sobre la naturaleza en Internet

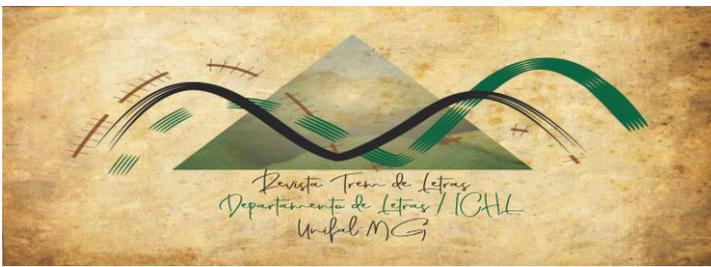
Xavier Frias-Conde  
UNED, España  
Carmen Ferreira-Boo  
U. da Corunha, España

### Resumen

En este estudio nos acercaremos a la ecoliteratura de Frantz Ferentz, autor de literatura infantil principalmente en gallego, pero también en español, portugués, inglés e italiano. Los textos analizados pertenecen todos a su blog *O reino dos contos*. Se trata, por tanto, de una aproximación al tema de la ecología en la literatura infantil, pero en un formato poco habitual, el de cuentos y micropiezas (breves) publicados en blogs.

**Palavras clave:** Ecoliteratura. Blogs. Frantz Ferentz. Literatura infantil.

Submetido em: 19/02/2023  
Aceito em: 20/05/2023  
Publicado em: 28/12/2023



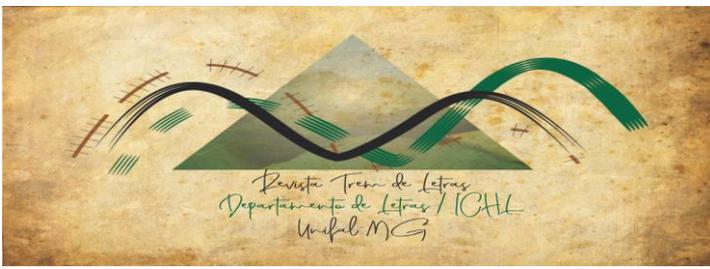
## Frantz Ferentz: a escrita sobre a natureza na internet

Xavier Frias-Conde  
UNED, Espanha  
Carmen Ferreira-Boo  
U. da Corunha, Espanha

### Resumo

Neste estudo abordamos a ecoliteratura de Frantz Ferentz, autor de literatura infantojuvenil principalmente em galego, mas também em espanhol, português, inglês e italiano. Os textos analisados pertencem todos ao seu blogue *O reino dos contos*. Trata-se, portanto, de uma abordagem ao tema ecológico na LIJ, mas de um formato pouco habitual, o dos contos e as peças de teatro publicados em blogues.

**Palavras-Chave:** Ecoliteratura. Blogues. Frantz Ferentz. Literatura infantil.



## FRANTZ FERENTZ: A ESCRITA SOBRE A NATUREZA NA INTERNET

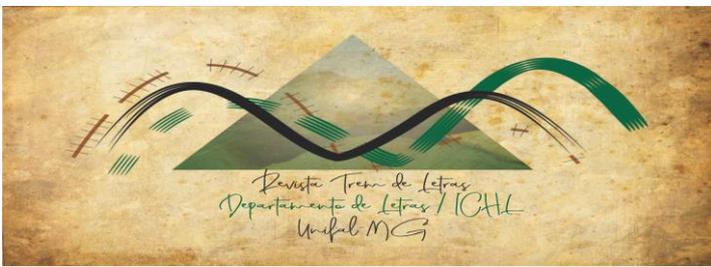
Xavier Frias-Conde  
UNED, España  
Carmen Ferreira-Boo  
U. da Corunha, España

### 1 O autor

Frantz Ferentz é um heterónimo literário para os textos publicados na internet, enquanto autor de literatura infantojuvenil. Como escritor, a sua carreira vem-se desenvolvendo há mais de trinta anos, sendo as suas duas principais línguas de criação literária o galego<sup>1</sup> e o espanhol, embora tenha também obra publicada em português, italiano e inglês. Logicamente, tem escrito sobre muitas temáticas diferentes, mas quanto à questão que aqui nos preocupa, ou seja, literatura e ecologia, há, de facto, uma parte da sua obra que está relacionada com esta matéria, total ou parcialmente, com abordagens muito diferentes em cada obra.

---

<sup>1</sup> Para o público lusófono, o galego é uma língua que faz parte do sistema da Lusofonia, embora se escreva segundo a ortografia do espanhol. Apenas é preciso habituar-se à sua escrita, sendo assim os brasileiros e portugueses podem desfrutar de uma literatura praticamente redigida em galego. É por isso que os textos aqui oferecidos estão em galego e não em espanhol, dessa forma os leitores compreenderão muito mais facilmente o seu conteúdo.



Neste estudo, centrar-nos-emos na temática do ambiente, a questão ecológica ou, se preferirem, a *ecoliteratura* na mão do Frantz Ferentz e apenas nos textos dirigidos mais precisamente ao público infantojuvenil, principalmente na *ciberliteratura*.

## 2 A escrita em blogues de criação literária: *O reino dos contos*

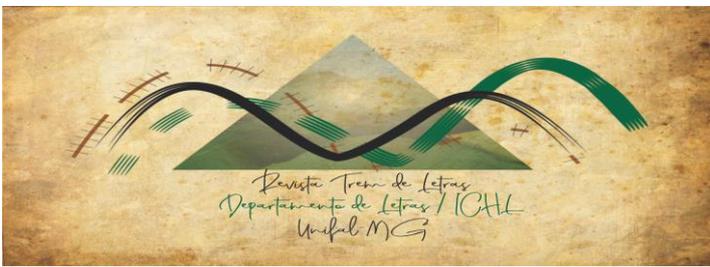
É preciso explicar que Frantz Ferentz publica em dois blogues de criação literária que são mesmo clones, pois no primeiro deles publica em galego (e, ocasionalmente em português) e no outro publica os mesmos textos do primeiro blogue, mas em espanhol. O blogue em galego intitula-se *O reino dos contos*, enquanto o blogue em espanhol intitula-se *Fabulandia*, mas utilizaremos como referência apenas o primeiro.

Este sistema de edição permite-lhe chegar muito longe na difusão dos seus textos, sem que essa primeira publicação seja depois um obstáculo para muitos dos textos serem a seguir incluídos em livros convencionais em papel. Neste estudo, trataremos nomeadamente das publicações digitais, como já foi dito.

A temática ecológica de Frantz Ferentz aparece em contos e peças (escreve também muito teatro para o público infantojuvenil). Sendo assim, ao longo destas páginas falaremos destes trabalhos mais breves, em que a temática da defesa da natureza está presente. Contudo, gostaríamos de dizer que a sua abordagem deste tópico não é feita com uma visão moralista nem *didatista*, o nosso objetivo foi sempre apresentar esta questão (ou qualquer outra que se possa tratar, como identidade sexual, homossexualidade, divórcios, violência, xenofobia, etc.) de uma forma natural,

DOSSIER “RETOS ECOCRITICOS Y ECOSISTEMAS SOSTENIBLES EN LA FICCIÓN HISPÁNICA”

Revista Trem de Letras	Alfenas, MG, Brasil	V. 10	n.2	1-18	e023009	2023
------------------------	---------------------	-------	-----	------	---------	------



onde o tópico está integrado na história e não aparece de forma forçada na narrativa. Pensamos que o primeiro valor de um texto literário é precisamente esse, o literário, e depois, se vierem outros, serão bem-vindos, mas sem pretender utilizar a narrativa para introduzir qualquer temática e, assim, “educar” as crianças.

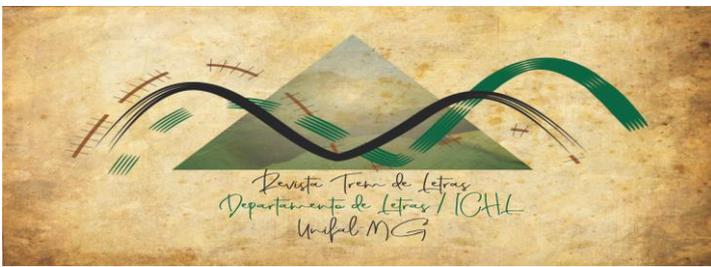
Para começar, poder-se-ia dizer que a defesa da natureza tem estado sempre presente na sua obra literária, de uma maneira mais ou menos visível. Se calhar, em muitos momentos, foi uma questão tangencial, ou até o facto de as histórias acontecerem no seu ambiente rural que fazia com que ela, a natureza, fosse uma protagonista não mencionada. O seu primeiro livro publicado para o público infantil (*O xabril que queria voar*, 1991<sup>2</sup>) tratava de animais, concretamente de um javali que decide que quer voar e acaba por chegar à Lua. Todos os personagens são animais, mas nem assim poderia afirmar que se trate de um conto de temática ecológica, pois o facto de uma história incluir animais não envolve uma temática ao redor da natureza.

### 3 Contos de temática ecológica

O seu primeiro conto com uma temática claramente ecológica foi escrito em 1995, embora fosse publicado no blogue *O reino dos contos* muitos anos depois (em 2007). Intitula-se o *A historia de Tariquia, o país sen camiños*<sup>3</sup>. Já na altura, falava-se muito da desflorestação e, embora Frantz Ferentz não tenha estado nunca na Amazónia, seguia com muita preocupação as notícias que lhe chegavam sobre a

<sup>2</sup> *O reino dos contos* <http://www.oreinodoscontos.com/2010/08/el-xabril-que-queria-engalar-8-anos.html>

<sup>3</sup> *O reino dos contos*: <http://www.oreinodoscontos.com/2007/09/historia-de-tariquia-o-pas-sen-camios-9.html>



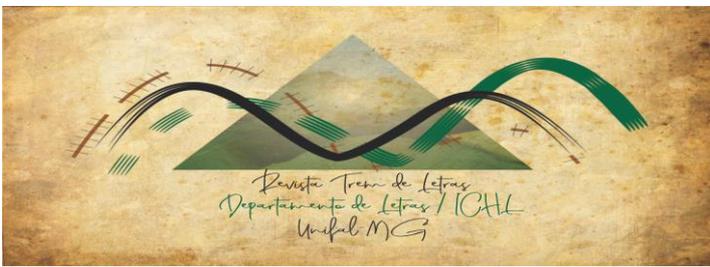
destruição das florestas. O mais triste é pensar que, ainda hoje, essa situação nem só continua, mas até piora enormemente. A história em questão apresenta um país, Tariquia<sup>4</sup>, que fica no meio da floresta, mas não tem caminhos. Por isso, os seus burgomestres pedem para as pessoas darem ideias de como criar caminhos pelo país sem o destruírem. As propostas que chegarão, muitas em clave de humor, vão contra a conservação da natureza, até que, finalmente, há uma proposta ecológica, surgida por acaso, que permitirá a criação de caminhos sem o país ser destruído. No texto, há uma proposta que poderia parecer um disparate, mas que um presidente dos Estados Unidos chegou a propor para acabar com os incêndios na Califórnia:

- Eu téñolles a solución.
- A cal?
- Queimar a selva –retrucou o forasteiro sen deixar de sorrir.

Também pode ser considerado, até certo ponto, um conto de temática ecológica, intitulado *A história de Karima, a planta carnívora*<sup>5</sup>. Trata-se de um cientista que possui uma planta carnívora, a qual não se alimenta de qualquer bicho. O cientista teme, portanto, que a planta chegue a morrer. O protagonista da história é descrito como um amante das plantas, e é de facto um botânico. Chama a atenção sobre o relacionamento que o homem tem com as plantas, o qual permitirá explicar mais para à frente porque ele está tão preocupado com a planta carnívora que, espontaneamente,

<sup>4</sup> O nome do país inventado, Tariquia, vem do árabe *tariq*, que significa, paradoxalmente, “caminho”.

<sup>5</sup> O reino dos contos: <http://www.oreinodoscontos.com/2009/08/historia-de-karima-planta-carnivora.html>



pode causar uma péssima impressão nos leitores, mas que o botânico trata com um carinho muito especial.

O Xoán da Vírgula ten un xardín botánico na casa, unha especie de floresta toda chea de plantas de todo o xénero. Tenas grandes, pequenas, de follas enormes, de follas de agulla, plantas de climas secos, de climas húmidos...

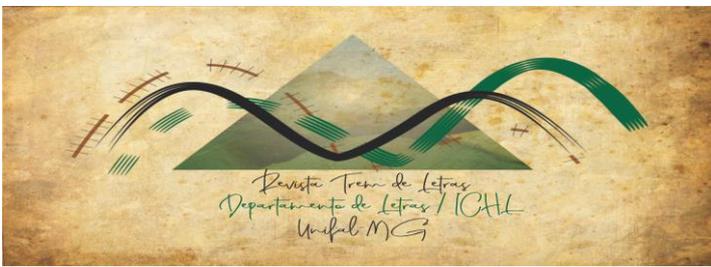
O Xoán da Vírgula adora todas as súas plantas. Trátaas como se fosen as súas fillas. Tanto é así que a cada unha delas lle ten dado un nome.

Por exemplo, un fícus arxentino chámase Manuela do Tango, un cacto namibio chámase Andrea do Kalahari, ou unha tanxerina anana de Noruega chámase Karlota Orangensson, porque o Xoán, alén de nome, ponlles apelidos que fagan referencia ao seu local de procedencia, para elas se sentiren ben.

Em 2009, apareceu *O misterio do salgueiro chorón*<sup>6</sup>. Nesta história, dois irmãos tentam ajudar um salgueiro chorão que está enfeitiçado. A questão da natureza neste conto aparece, se calhar, um bocadinho tangencialmente, pois manifesta-se principalmente no facto que a personagem que precisa de ajuda é uma árvore, que ao final do conto é tratado como se fosse um ser humano. A questão que suscita a história reside no facto que duas crianças ajudam uma árvore como se fosse um ser humano.

Em 2012, Frantz Ferentz abordou um dos temas que mais lhe incomodam: a caça. O autor tem a opinião que caçar por “prazer” é uma das atividades mais brutais e nojentas que pode desenvolver o ser humano. Muitos caçadores justificam-se, dizendo que eles são, precisamente, defensores da natureza, o qual não poderia ser mais absurdo. No conto *O cazador e a lebre* faz trocar os papéis e coloca o ser humano

<sup>6</sup> *O reino dos contos*: <http://www.oreinodoscontos.com/2009/12/o-misterio-do-salgueiro-choron-8-anos.html>



no lugar da presa. Este conto é para rapazes um bocadinho maiores do que os outros, mas é também muito breve. De facto, o texto completo é este:

O cazador, ben equipado cunha espingarda de dous canóns, acazapouse atrás dunha rocha e dispúxose a disparar á lebre que, tranquilamente, mordisqueaba unhas herbas a 50 metros del.

Aos poucos foi apertando o gatillo, até que, de súpeto, notou aquel "clic" previo ao disparo.

Mais non houbo disparo.

Non.

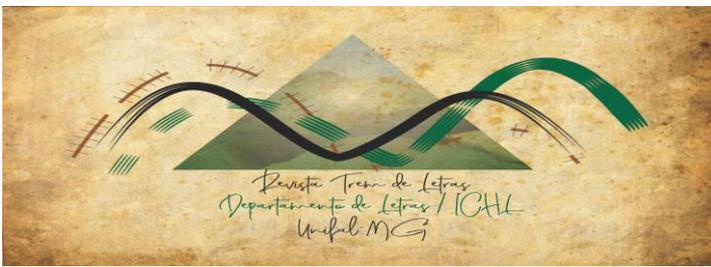
Disparo non, houbo outra cousa. Unha cousa difícil de definir, pero imos tentalo. O que ocorreu realmente é que o cazador, ao ir apertar o gatillo, non chegou a disparar, senón que, de súpeto, viu os seus papeis trocados coa lebre.

El mordisqueaba unhas herbas —como podían comer aquela porqueira as lebres, puagh, que noxo—, mentres que a lebre apuntábao a el coa espingarda de dous canóns. O cazador estaba seguro de que aquel animal íalle a disparar, seguro que se vingaría por todos os exemplares da súa especie que el cazara ao longo dos anos.

Mais aí enganouse. A lebre, por medio de acenos, obrigouno a avanzar ameazándoo coa espingarda até o corazón da fraga, alí onde nunca chegaba ser humano ningún (ao menos polo de agora, aínda que alguén xa se construírá por alí un chaleciño). O home chegou a unha calvela do bosque onde había unha asemblea de animais. De repente, como por encantamento, o home entendeu a linguaxe dos animais.

Unha tartaruga grande como un autobús saíu de entre a multitude e dixo ao cazador:

— Xa vexo que a lebre te fichou para correr contra min, eh? Disque son unha tramposa, mais é que ela ten mal perder. Imos ver como te portas, humano... Veña,



íspete e quita o calzado.

E ao seu ao redor, o cazador oíu o estrondo dos animais a berraren as súas apostas.

Para além da questão ecológica, está por trás o abuso da força, a violência contra o débil. Uma outra história semelhante, onde o protagonista é um velho ganadeiro e o seu touro, também muito velho, que é alvo dos risos dos habitantes da aldeia, os quais são incapazes de perceberem o amor entre o ser humano e o animal, está no conto *O misterio dos cornos do touro descornado*<sup>7</sup>. Se calhar, o mais interessante nesta história é como o amor pela natureza, a sua defesa, se manifesta no relacionamento entre estes dois seres.

O conto, também destinado a um público a partir de 12 anos, começa com a descrição da relação entre o homem e o touro:

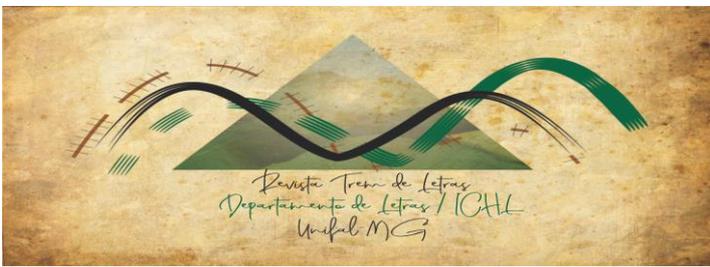
O vello Arximiro contemplaba o seu vello touro con pena. Foran compañeiros desde había moitos anos, mais xa daquela el era un vello cunha pucha e algo corcovado, mentres que o touro, robusto e fero na súa mocidade, era daquela unha caricatura do que fora, pois até perdera os cornos. As moscas invadíano sen piedade, mais o peor non era iso, o peor era que os mozos da aldea, cientes do que fora o touro e do que era daquela, remedábano con moi má fe.

O seu amo, o Arximiro, movía a cabeza á dereita e á esquerda cada vez que algún dos mozos da aldea pasaba por diante do valado e facía burlas ao touro, que simplemente ficaba a ollar para o humano covarde que anos atrás non se tería atrevido a achegarse a el nin desde detrás do valado.

Si, dáballe moita pena ao Arximiro o seu vello touro.

Moitos na aldea dixéranlle que o mellor era xa sacrificar o animal, que era vello de

<sup>7</sup> *O reino dos contos*: <http://www.oreinodoscontos.com/2011/09/o-misterio-dos-cornos-do-touro.html>



máis, que só ocupaba espazo nas cortes e que non pagaba a pena nin gastar un euro máis en herba. Porén, o vello Arximiro era un home de palabra, un gandeiro que era sempre fiel aos seus animais e quería que o touro marchase cando lle chegase a hora.

O amor pelos animais, para além dos animais de estimação, principalmente gatos e cães, é uma questão que aparece amiúde na literatura infantojuvenil, mas que neste conto, aparece em um contexto complicado, de um velhote que ama o seu animal em silêncio, sem ser compreendido pelos moços da aldeia, até que algo que muda tudo acontece.

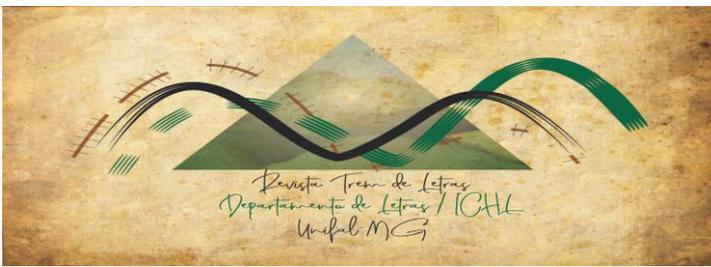
Há um conto no blogue que é um autêntico tratado de ecologia, nomeadamente um conto chamado a manter limpos os mares. A história intitula-se *O día en que o grande río non quixo unir-se ao mar*<sup>8</sup>. Nesta história, um rio chamado Turo, detém-se de repente a quinhentos metros da foz. Por muito que os cientistas discutam e os políticos aproveitem para sair nas fotos, o mistério não se esclarece. Tem de ser a mãe de um miúdo estrangeiro que explica que o rio tem medo do mar porque está cheio de lixo:

Mais entón unha turista co fillo en brazos, do centro de Europa, toda torrada polo sol, colocouse cabo dos mariñeiros. Era un dos poucos visitantes que ficara naquela asemblea de sabios porque lle gustaba escoitar palabras que non significaban moito.

Ela explicou:

— Xa antes de comezar esta historia, meu fillo díxome que non quería bañarse

<sup>8</sup> *O reino dos contos*: <http://www.oreinodoscontos.com/2010/10/1-tudo-comecou-numa-manha-de-verao.html>



no mar. E sabedes por que?

Houbo un gran silencio. Só se deixaron escoitar uns cantos mosquitos que buscaban sangue científico, rico en hidratos de carbono.

— El, o meu fillo, este que teño entre brazos, díxome: «Mamá, o mar dáme medo». Entendedes?

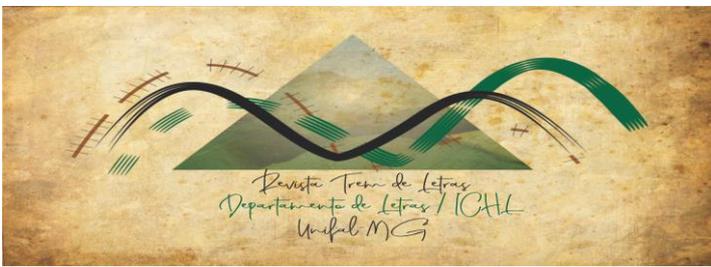
(...)

Entón, a nai traduciu as palabras do seu fillo:

— Dixo que non se bañaba porque o mar estaba moi porco.

Este conto está inspirado no río Douro e na cidade do Porto, em Portugal. A ideia surgiu ao imaginar o que aconteceria se o rio se recusasse a alcançar o mar, precisamente por causa da poluição das águas. É impossível imaginar a cidade do Porto sem o Douro, mas tudo poderia acontecer se esse tesouro que é o rio se perdesse. Há uma crítica social muito forte aos políticos, aos cientistas e até aos turistas, como se a culpa do destino do rio não fosse de ninguém, mas como sempre, em Frantz Ferentz, tudo é descrito em clave de humor.

Em 2016, Frantz Ferentz não deixa escapar a ocasião de criticar uma prática muito estendida em Espanha: as touradas. Faz uma crítica da visão que muitos espanhóis ainda têm dos touros e, numa linha parecida com a empregada nalguma narrativa anterior em defesa dos animais, escreve uma história muito irónica sobre como um herdeiro da Coroa se encontra sozinho na presença de um touro. A história



intitula-se *O fillo da princesa e o touro despiedado*<sup>9</sup>. É também um texto para leitores a partir de 14 anos cheio de ironia.

Há uma explicação acerca da afeição às touradas que seria razoável para uma parte da população espanhola:

Cando o Luís, o fillo maior da princesa, tivo a ocasión de dar a súa primeira entrevista, unha das cousas que el dixo é que gustaba de touradas. Sabía que no país había unha corrente cada vez maior contra as touradas, mais el pensaba que tiña que defender as tradicións do seu país, aquelas que o tornaban diferente.

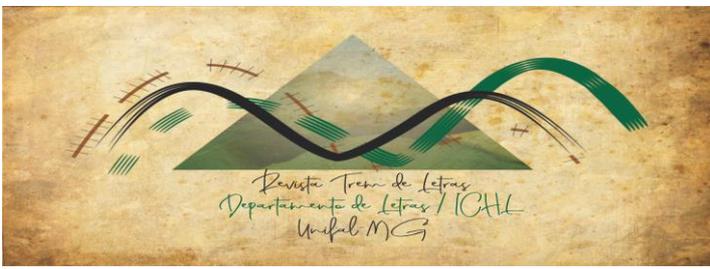
O príncipe salta para o prado e enfrenta o touro.

Como estaría orgullosa súa mai se o vir! Tirou o seu casaco, que tiña unha cor relativamente vermella e fixo o xesto de querer tourear, como tiña visto tantas veces nas touradas, até gritaba ao animal: "Eh, touro; eh, touro!"

O animal debeu responder aos seus instintos porque atravesou o regato, mais sen prásas, con toda a calma. Colocouse en fronte do Luís. O rapaz podía notar perfectamente o alento do touro. Esperaba mesmo que o animal baixase a cabeza e espetase o chifre no seu ventre. O fillo da princesa rendeuse. Fechou os ollos e esperou chorando o seu final.

O final não é o esperado. O touro não é uma besta. Se calhar, seria bom lembrar que os animais são seres sencientes.

<sup>9</sup> *O reino dos contos*: <http://www.oreinodoscontos.com/2016/09/o-fillo-da-princesa-e-o-touro.html>



## 4 Microteatro

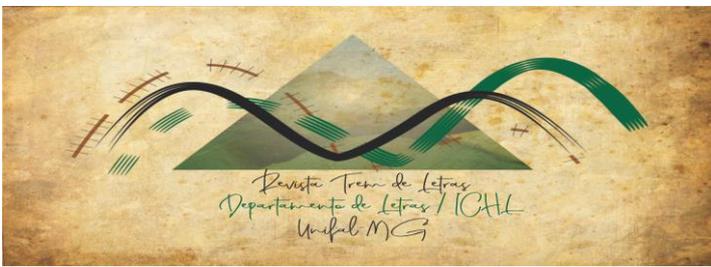
Embora a grande maioria dos textos do blogue *O reino dos contos* sejam de género narrativo, em 2016, Frantz Ferentz começou a publicar também microteatro. Todos os textos editados no blogue foram depois reeditados em livros, mas faremos o percurso destes textos apenas no blogue.

Para além da temática, é interessante reparar no formato, que, como já dissemos, é microteatro. Este não deve ser visto como um subgénero frequente na LIJ, mas Frantz Ferentz está a desenvolvê-lo com muita paixão nos últimos anos. Não vale a pena fazer um estudo pormenorizado, basta dizer que as micropeças têm uma extensão entre duas a oito páginas. Se forem representadas, não alcançariam os dez minutos de duração. Aliás, uma questão muito importante do (micro)teatro infantojuvenil é que também seja legível, não só representável.

Trataremos de quatro micropeças compostas entre 2016 e 2021. Nessas peças insta sublinhar que a ecoliteratura do Frantz Ferentz se centra no tópico da degradação do ambiente, na presença do lixo que consome o ar e representa uma ameaça para as pessoas. O lixo é inclusivamente uma personagem, como veremos a seguir.

A primeira peça intitula-se *As árvores en greve*<sup>10</sup>. A ideia de que parte consiste em mostrar como reagiriam as árvores se pudessem protestar pelo trato que estão a receber dos seres humanos. Nesta peça inclui-se a personagem de uma idosa que conhece a linguagem das árvores e, subsequentemente, graças a esse conhecimento, se pode saber o que elas querem transmitir. Fá-lo através da sua neta, que é jardineira,

<sup>10</sup> *O reino dos contos*: <http://www.oreinodoscontos.com/2016/12/as-arbores-en-greve-10-anos.html>



e que deverá opor-se aos planos de construção do presidente da câmara e de vários homens de negócios que o acompanham, mas as árvores reagirão e demonstrarão que se elas não fizerem o seu trabalho, os humanos simplesmente morrerão. Contudo, nem assim alguns aprendem a lição, pois quando no final a jardineira convence os vizinhos para votarem noutro presidente da câmara (*rexedor* em galego, *prefeito* no Brasil), este ainda insiste em desenvolver o seu projeto urbanístico:

ÁRBORE: Non haberá outra oportunidade. Cumpride a vosa palabra.

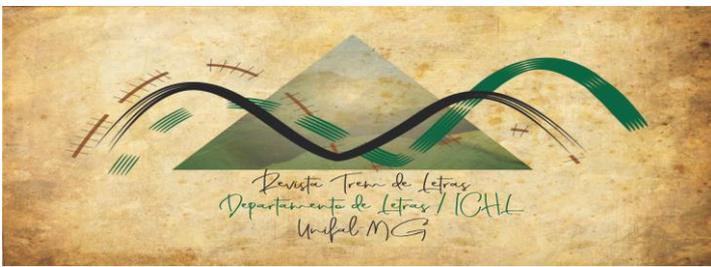
REXEDOR: É que toleastes? Non vedes que todos na vila podemos ser ricos.

XARDINERA: Señor rexedor, dígame, de que lle servirá tanto diñeiro se está morto?

Os catro paseantes abandonan o palco, mentres o rexedor e mais os dous homes de negocios fican sós no palco. A obra conclúe co riso da árbore, que soa coma o sopro da brisa.

A segunda micropeça é *A rebelión dos sacos de lixo*<sup>11</sup>. Aquí já se põe de relevo que a acumulação de lixo é um problema ambiental contra o qual não se estão a levar a cabo medidas suficientes. Na micropeça há uma conversão dos sacos do lixo em

<sup>11</sup> *O reino dos contos*: <http://www.oreinodoscontos.com/2016/10/a-rebelion-dos-sacos-de-lixo-10-anos.html>



criaturas aparentemente inteligentes que decidem devorar tudo, humanos incluídos. Há uma negligência que nos vai causar graves problemas:

SACO 1: Desde que vós, os humanos, nos creastes. Non estades conscientes de todo o que botades para o lixo. Toneladas e toneladas de desperdícios en vertedoiros. Aí o deixades todo e, se tal, soterrádelo. Entón, sabede que despois de tanto tempo a vos desfacer dos vosos desperdícios, nós cobramos vida. Vós creástesnos...

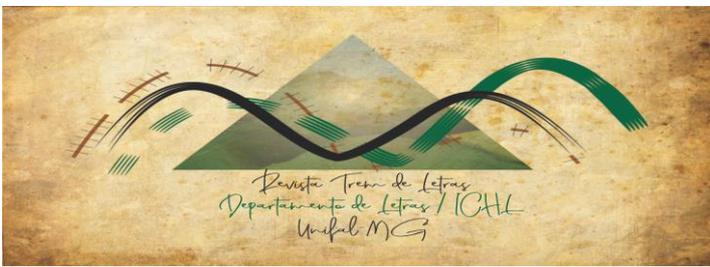
É claro que somos responsáveis pela nossa própria destruição. Essa é a mensagem que quer transmitir a obra.

A terceira micropeça intitula-se *O principião e o asteroide de ferralla*<sup>12</sup>, onde a 'ferralla' é a *sucata* em português. A micropeça é aliás uma homenagem ao Príncipezinho de Saint-Exupéry. Nessa altura, coloca-se a personagem num novo asteroide, mas este está todo feito de sucata, por causa do lixo espacial que já cobre todo o espaço ao redor do nosso planeta. A partir da fantasia de que toda esse lixo remanescente poderia, em alguma altura, confluir e criar um asteroide de sucata, o Príncipezinho vive uma breve aventura com um sucateiro e um pelicano. A questão do lixo pertence sobretudo ao ambiente, sem ser tratada diretamente pelas personagens. Todavia, o espírito humano que gosta de tirar partido de tudo, bem como dos desperdícios, sobressai nos diálogos, principalmente com o habitante do asteroide, o sucateiro:

PRINCIPIÑO (*ao ferralleiro*): E para que lle serve toda esta ferralla?

---

<sup>12</sup> *O reino dos contos*: <http://www.oreinodoscontos.com/2020/09/o-principino-e-o-asteroide-de-chatarra.html>



FERRALLEIRO (*interrompendo o seu traballo de clasificación por etiquetas*):  
Servir? Non sei. Só recollo, ordeno e almaceno. Queres mercarme algo?  
Fágoche un bo prezo. Teño paneis solares, algúns completos. (*Entre murmurios, mais pódese escoitar*) Tamén teño un par de canóns láser con certa carga e até medio mísil.

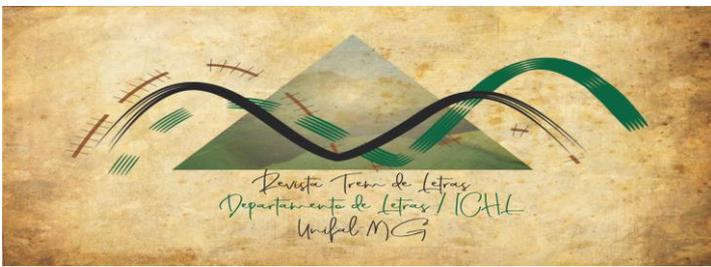
A última micropeça é *Un príncipe azul no lixo*<sup>13</sup>, onde a cuestión ecolóxica non é central, mas tem uma presença ampla na primeira parte da peça, pois dois rapazes colhem coisas do lixo que traz a maré. E entre elas é que encontram um príncipe azul. A questão do lixo, como também acontecia com o *Principiño no asteroide de ferralla*, faz parte do cenário, e não é um protagonista, mas a ideia que transmite é que estamos rodeados de lixo. O que sim se introduz e toma relevo é a ideia da reciclagem, como sempre envolvida numa linguagem humorística:

PRÍNCIPE: Ben, évos unha longa historia, mais, para abreviar, heivos dicir que eu son o príncipe Salameconpán, príncipe azul do reino de Halucinestán. Hai unha semana, houbo unha revolución no meu reino, fun derrocado xunto con toda a miña familia real, e proclamaron unha república. A min, directamente botáronme ao lixo, porque dicían que os príncipes azuis non servimos para nada, agás para encher a cabeza das mozas de fantasías. En fin, que como todo o lixo acaba no mar, eu tamén fun parar a esa illa de plástico.

ANDREA: Cada vez hai máis illas de plástico, iso é verdade. Moita desa porqueira remata na costa. Nós tentamos limpar as praias e, de paso, vender plástico para a reciclaxe.

ANDRÉ: Lamento a túa situación. Que podemos facer por ti? Que sabes facer na

<sup>13</sup> *O reino dos contos*: <http://www.oreinodoscontos.com/2021/09/un-principe-azul-no-lixo.html>



vida?

PRÍNCIPE: Nada, os príncipes azuis non sabemos facer nada, mais eu gustaba da política, podería ter feito cousas boas se me deixasen. En fin...

ANDREA: Oi, teño unha idea. Se cadra, podemos reciclarte, como facemos co lixo aquí.

PRÍNCIPE (*alporizado*): Estás a me chamar lixo?

ANDREA: Noooooon, só dicía que te podemos transformar.

É provavelmente nas micropeças que a ecoliteratura do Frantz Ferentz está mais presente, embora existam alguns contos, como o do *Grande Rio*, que são claro chamados a favor da conservação do ambiente.

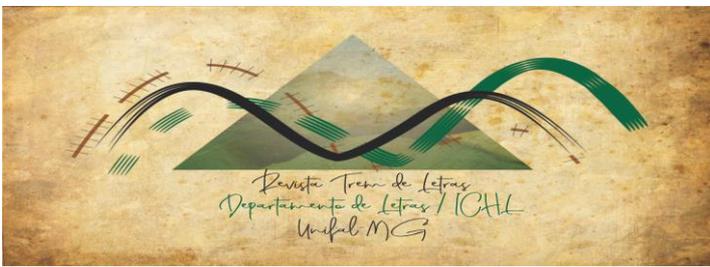
## 5 Conclusões

A temática ecológica na obra literária do Frantz Ferentz para o público infantojuvenil aparece como tema principal, nalguns casos (já mostrámos vários contos em que se pode afirmar que a natureza é protagonista), mas aparece mormente quando se acontecem os relacionamentos entre seres humanos, animais e plantas, onde se estabelece que tantos os humanos bem como os não humanos, todos fazem parte de uma realidade que nos rodeia e que devemos evidenciar, pois estamos a deixar esmorecer o planeta.

Noutras ocasiões, a questão ecológica aparece como cenário ou como fundo das histórias, sem por isso ser uma questão prioritária nas composições.

DOSSIER “RETOS ECOCRITICOS Y ECOSISTEMAS SOSTENIBLES EN LA FICCIÓN HISPÁNICA”

Revista Trem de Letras	Alfenas, MG, Brasil	V. 10	n.2	1-18	e023009	2023
------------------------	---------------------	-------	-----	------	---------	------



Os textos do Frantz Ferentz, muitas vezes em clave de humor, querem despertar as consciências dos mais novos para tomarem as rédeas do futuro do planeta, mas sem alarmismos, nem mensagens moralizantes, que são muito aborrecidas e desvirtuam a literatura.

### Obras e portais de referência

FERENTZ, F. *O reino dos contos*. (2007-2022): <https://www.oreinodoscontos.com>

CONDE, X. F. (2016). *Lara e o canicornio*. Toledo: Ianua Ed.

CONDE, X. F. (2020). *O principiño no asteroide de ferralla*. Madrid: Amargord